

## ESTUDO DO COMPORTAMENTO CÍCLICO DO DESEMPREGO E INFLAÇÃO

**Patrícia Freitas das Chagas Brazil<sup>1</sup>, Edson Aparecida de Araújo Querido Oliveira<sup>2</sup>.**

1 – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA – Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP  
Avenida Shishima Hifumi, 2911, 12244-000 São José dos Campos – SP, e-mail:  
[rosanapegas@hotmail.com](mailto:rosanapegas@hotmail.com)

2 – Professor, Assistente, Doutor, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA – Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Avenida Shishima Hifumi, 2911, 12244-000 São José dos Campos – SP, e-mail: [edson@vdr.cta.br](mailto:edson@vdr.cta.br)/ [edsonaaqo@universiabrasil.net](mailto:edsonaaqo@universiabrasil.net)

**Palavras-chave:** Desemprego, Inflação, Salário.

**Área de Conhecimento:** VII – Ciências Sociais Aplicadas

### RESUMO

Ao longo dos anos observa-se que a economia evolui em forma de ciclos, atravessando expansões e depressões. E um dos grandes receios da sociedade sempre foi e será a expansão da inflação. Com a Teoria Macroeconômica, o presente estudo vai ilustrar o comportamento da inflação com o desemprego, evidenciando através de alguns pensadores econômicos as explicações para as altas taxas de inflação e do desemprego e como podem ser diminuídas.

### INTRODUÇÃO

A inflação exerce grande influência sobre as autoridades que são responsáveis em evitar que as condições econômicas evoluam num sentido perverso.

A discussão feita pelos economistas e governo consiste na escolha entre uma inflação baixa, sob controle e a ameaça de uma recessão econômica com um inevitável aumento do desemprego.

A questão chave é: porque é aparentemente inevitável que a estabilização da inflação deva trazer desemprego e recessão? A distinção entre as curvas de oferta agregada de curto e longo prazo é essencial para este assunto. Em curto prazo, a inflação não pode ser reduzida sem criar uma recessão e em longo prazo, não há nenhum hiato entre a inflação e o desemprego.

Será demonstrado alguns estudos feitos por alguns pensadores econômicos como Keynes, Wicksell, dando uma ênfase maior para Philips, e concluindo com as

controvérsias sobre a curva de Philips por Friedman e Phelps.

### 1. A REVOLUÇÃO KEYNESIANA

A teoria Keynesiana deu início ao estudo de que podem ser evitados a depressão e o desemprego em grande escala, por meio de administração correta da demanda agregada. Keynes constatou que a demanda agregada fosse composta por:

- ✓ Gastos em consumo pessoal;
- ✓ Demanda por investimentos;
- ✓ Gastos governamentais em bens de serviços e exportação líquida.

Em sua teoria, um aumento da demanda agregada a partir de uma alta taxa de desemprego, levará a economia até o pleno emprego. Neste intervalo há um incremento da produção com a ocupação da capacidade ociosa e os preços permanecem estáveis. Depois que a

economia atinge o pleno emprego, qualquer incremento na demanda poderá acarretar o mal do desemprego ou inflação, mas não os dois conjuntamente.

Através da figura-1 atribui-se como variável dependente os diversos níveis gerais de preços e como variável independente o produto nacional real. O ponto A demonstra um nível muito aquém do pleno-emprego, ou seja, uma alta taxa de desemprego. Um aumento da demanda agregada a partir do ponto A gera um aumento do produto nacional real, conduzindo a economia ao nível de pleno-emprego (B), sem sofrer o nível real de preços. Todavia, se a demanda agregada permanecer aumentando, além do necessário para atingir o pleno-emprego, o nível geral de preços sofrerá um acréscimo, deslocando-se a curva do ponto B para o C. Portanto, a economia registrará o mal do desemprego ou da inflação e não os dois conjuntamente.

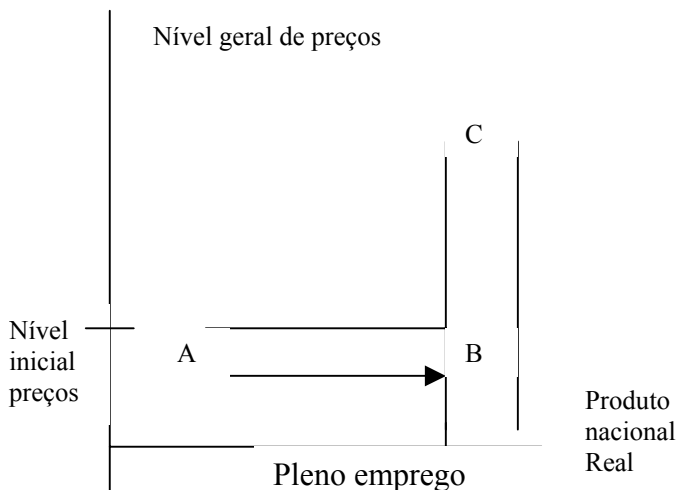


Figura-1  
 FUNÇÃO KEYNESIANA SIMPLES

Em seu estudo, preliminarmente, o processo cumulativo de Wicksell pressupõe que os fatores de produção esteja numa situação de “pleno emprego”.

Sua análise baseia-se na alta de preços que ocorre por excesso da demanda global por recursos financeiros. Mostra a taxa de juros como principal elemento na ligação entre o setor real e o monetário da economia e a interferência do mercado de capitais na poupança e no investimento.

A inflação não é causada pelo excesso de moeda, e sim na demanda global que provoca desvios nas taxas de juros em relação ao equilíbrio.

As hipóteses de seu modelo são dadas com base em um mercado de capitais perfeito, onde não há riscos e existe uma só taxa de juros. Qualquer empresa pode tomar qualquer empréstimo desde que se disponha a pagar a taxa de juros vigente. Todas as poupanças são aplicadas em títulos das empresas investidoras e não há entesouramento do dinheiro.

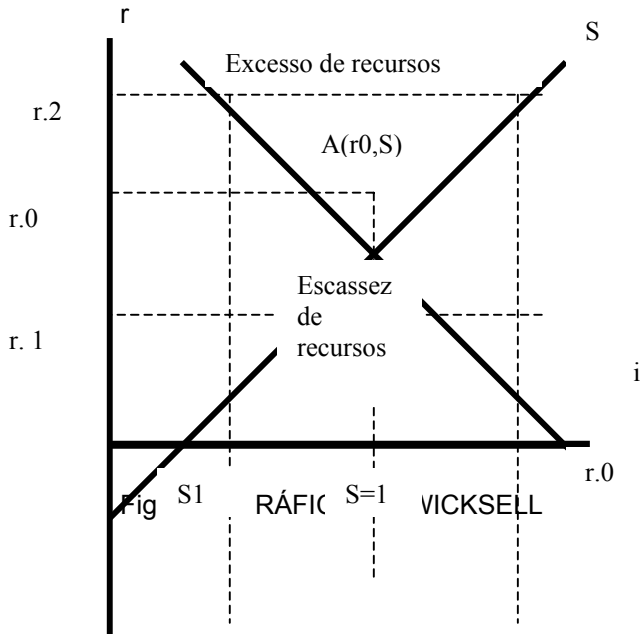
Através da análise do modelo, a poupança é função crescente da taxa de juros. Quanto maior a taxa, maior a disposição de sacrifício ao consumo. O investimento função decrescente da taxa de juros. Quanto menor a taxa de juros, maior a disposição das empresas a investir. O equilíbrio existe a uma taxa de juros, surgida naturalmente que equilibra poupança com investimento. Nela os recursos oferecidos atendem à demanda.

Se a taxa de juros diminuir aquém da taxa natural de equilíbrio, o desejo de investir será maior do que a de poupar provocando um aumento do nível de preços em decorrência da expansão dos meios de pagamento e assim vice-versa.

A figura-2 está demonstrando a curva de poupança e investimento em função da taxa de juros. O ponto  $r_0$  representa uma taxa natural de equilíbrio. Quando a taxa de juros cai em  $r_1$  o desejo de investir é maior do que a de poupar, ocasionando um possível aumento de nível de preços (P) devido ao aumento da demanda por moeda e conseqüentemente um incremento dos meios de pagamentos. Quando a taxa de juros se eleva para  $r_2$  a oferta de poupança é maior

## 2. O PENSAMENTO DE WICKSELL

do que a demanda de fundos para investimentos, diminuindo a procura por moeda e, portanto, contração dos meios de pagamento com possível redução do nível de preços.



### 3. CURVA DE PHILLIPS

VASCONCELLOS (2000), refere-se “que o nível de emprego, ou inversamente ao desemprego, e sabendo que a inflação corresponde a um aumento no nível geral de preços, a Curva de Phillips fornece-nos um guia sobre o que devemos buscar em termos de modelo de oferta agregada”.

Numa inflação de custos, as políticas monetárias e fiscais perdem o efeito

que poderiam representar numa inflação de demanda. Entretanto, pode-se controlar uma inflação de custos ao adotar uma política restritiva, causada por elevações dos salários, conseguindo reduções na demanda e provocando desemprego. Mas isto não é saudável, pois incorreríamos num erro de se conformar com uma relativa estabilidade de preços ao custo de um ônus social.

Com base no exposto acima, nota-se a importância em análise os efeitos de uma inflação de custos causada por salários representam importante percentual na estrutura de preços. A política de estabilidade de preços é dependente da manutenção dos salários em níveis menores mesmo mantendo as taxas de desemprego elevadas.

Segundo Simonsen (1978) é possível construir uma série de modelos teóricos que levam a uma relação decrescente entre taxas de aumento de salários nominais e nível de desemprego.

Assim, para melhor compreender a Curva de Phillips, é necessário perceber que quanto mais tente a inflação a subir, menor será o desemprego, e vice-versa.

Considere  $U_0$  a taxa natural de desemprego. Para ilustrar a teoria, graficamente abaixo a figura 3.

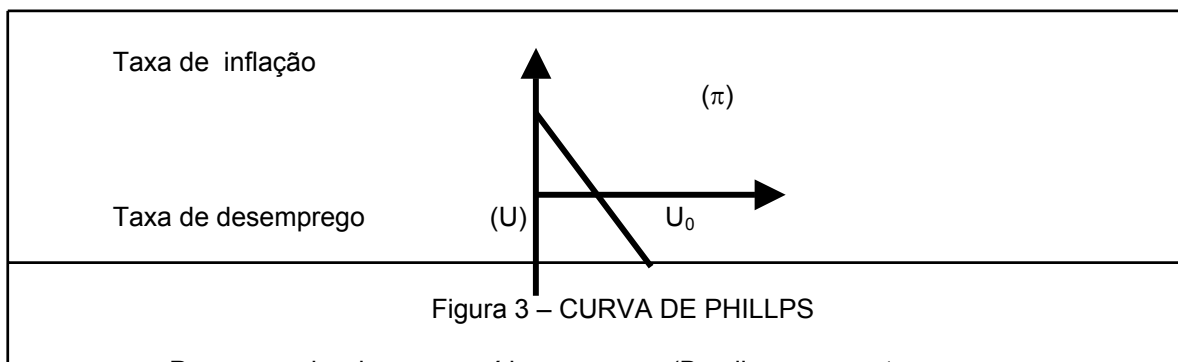


Figura 3 – CURVA DE PHILLIPS

Para uma abordagem empírica, o dado coletado no período de 1995 a 2000,

(Brasil uma amostra pequena como exemplo) está representado na tabela 1:

TABELA 1 – Quadro de dados 1995 - 2000

Ano	Taxa de desemprego <sup>1</sup>	Taxa de Inflação <sup>2</sup>
1995	4,6 %	21,98 %
1996	5,4 %	9,12 %
1997	5,7 %	4,34 %
1998	7,6 %	2,49 %
1999	7,6 %	8,43 %
2000	7,1 %	5,27 %

Fonte: (1) Média anual de desemprego aberto (IBGE)  
(2) INPC / IBGE

O estudo da Curva de Phillips, embora em análise de curto prazo, estabelece uma relação decrescente entre inflação ( $\pi$ ) e a taxa de desemprego ( $U$ ), não fica estável, pois se movimenta à medida que as expectativas de inflação são anunciadas.

Esta figura estabelece que os salários nominais aumentem quando a percentagem de desemprego declina, ou seja, aumento do nível de emprego. E, devido ao aumento dos salários nominais acima da produtividade marginal do trabalho, configurar-se-ia inevitavelmente numa inflação de custos.

Ao longo prazo, reajustes na economia podem levar a curva de Phillips a tender para a vertical, indicando taxa “ótima” de desemprego natural que garante estabilidade dos preços. A relação inflação e desemprego têm como inclinação da curva de forma positiva.

Porventura, se ocorrer desemprego estrutural, os sindicatos se mobilizarão por aumentos de salários gerando aumentos de preços. Se, juntamente, adotar-se uma política restritiva de demanda agregada ocasionará um nível de desemprego e os salários baixarão. Mas esta política não é tão eficaz quanto parece.

Vamos supor que a economia esteja funcionando em regime de pleno-emprego. Uma inflação de demanda fará com os preços se elevem e, em decorrência do

aumento de preços, os sindicatos irão pressionar as autoridades por aumentos salariais, bem como, os ajustes do governo. Com base nesta política, incorrerão dois tipos de inflação: de demanda e de custos. Isto demonstra que as políticas adotadas nos últimos tempos têm provocado elevados índices de desemprego. A explicação para isto é a queda dos salários nominais que se vem notando. Por outro lado, quanto maior o nível de emprego numa economia, maior será a taxa de inflação. Supondo que a curva de Phillips em longo prazo fosse uma reta paralela ao eixo das ordenadas, ou seja, que o nível de emprego não se altere, a taxa de inflação é dada pela diferença entre a alta nos salários e o incremento da produtividade do trabalho como mostrado na figura. 4.

No caso de um mercado em concorrência perfeita, a melhor política é a de estabilidade de preços através de uma cuidadosa vigilância da política monetária para aceitar uma margem natural de desemprego imposta pela curva de Phillips em longo prazo. Contudo, o mecanismo de concorrência perfeita é questionável, num mundo de oligopólios e sindicatos. Para corrigir as imperfeições da curva de Phillips, principalmente se os desajustes do mercado forem relevantes, o Governo deve atuar, adotando políticas adequadas de controle. O resultado será uma política para diminuir a percentagem de desemprego com uma margem de aumentos de salários compatíveis com a estabilidade dos preços.

O estudo também mostra que haverá uma modificação na inflação presente causada pela inflação passada. Isto se explica pelos reajustes salariais, que num período de inflação crônica, não objetivavam apenas repor a inflação passada, mas também preservar o salário contra altas futuras de preços.

Através desse mecanismo mantém-se a inflação atual como dependência da anterior. A consistência dos reajustes induz as crises de estabilização da inflação. Esta estabilização é transitória, uma vez que ela só existe enquanto se desloca à curva de Phillips para baixo pela diminuição da expectativa de alta de preços.

Numa política de estabilização o governo deve intervir reduzindo as expectativas de inflação dos agentes econômicos. Isto trará como resultado a redução dos incrementos de preços com o mínimo de recessão. Portanto a política de controle de salários e preços será positiva se reverterem às expectativas de altas.

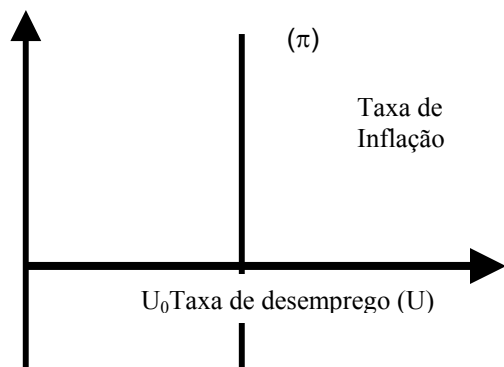


Figura 4 – CURVA DE PHILLIPS DE LONGO PRAZO

#### 4. CONTROVÉRSIAS DE FRIEDMAN E PHELPS

Finalmente, em 1968, Friedman e Phelps identificaram importante omissão na relação original de Phillips: o que poderia ser função estável da taxa de desemprego não seria de crescimento dos salários nominais, mas a taxa esperada crescimento dos salários reais. Assim, era indispensável adicionar a

taxa esperada da inflação à equação de terminação da taxa de variação nominal dos salários. Em outras palavras, cada ponto de percentagem de inflação esperada elevaria em um ponto de percentagem a curva de Phillips.

#### 5. CONCLUSÃO

Através da Teoria Keynesiana, um aumento da demanda agregada a partir de uma alta taxa de desemprego, levará a economia ao pleno emprego, mas essa teoria mostra uma relação pouco consistente, já que a taxa de desemprego e inflação vão se dispersando a cada ano.

A análise de Wicksell baseia-se na alta de preços, “numa situação de pleno emprego, mostrando a taxa de juros como principal elemento entre o setor real e monetário da economia. Mas isso nos mostra que se a taxa de juros diminui aquém da taxa natural de equilíbrio, o desejo de investir será maior do que de poupar, provocando um aumento no nível de preços.

Entretanto algumas observações permitiram apresentar que uma vez que as expectativas inflacionárias estão incorporadas nos contratos salariais, a curva de Phillips de curto prazo é instável, ou seja, há uma curva de Phillips diferente para cada taxa esperada de inflação.

Phelps e Friedman argumentam que não existe “ilusão monetária”. As pessoas ao longo prazo, se ajustam completamente a uma taxa esperada de inflação estável. Portanto, no longo prazo, não há troca entre inflação e desemprego, pois a curva de Phillips de longo prazo é uma reta vertical. A aceitação de taxas moderadas de inflação pode, então, ajudar a atingir taxas mais baixas de desemprego.

#### 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DORNBUSCH, Rudiger. FISCHER, Stanley. Macroeconomia. 2ª ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.
- IBGE – Instituto Brasileira de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

SANDRONI, Paulo. Novo Dicionário de Economia. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1994.

SHAPIRO. Edward. Análise Macroeconômica. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 1981.

SIMONSEN. Mário Henrique. CYSNE. Rubéns Penha. Macroeconomia. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 1995.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. Economia: Micro e Macro. São Paulo: Atlas, 2000.